

#cm

2

SEGUNDA-FEIRA

Joia do cinema iraniano passa na reta final da Mostra de SP



PÁGINA 3

Comédia satiriza redes e inteligência artificial



PÁGINA 6

LUIZGA lança álbum ao vivo gravado em Lisboa



PÁGINA 7



Divulgação

‘Sexa’, que marca a estreia da estrela de ‘Se Eu Fosse Você’ na direção de longas, firma-se como o ‘filme delícia’ da Mostra de SP, candidatando-se ao sucesso



Gloria

nas alturas

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Lançado na abertura do Festival do Rio, “Sexa” chegou no fim de semana à 49ª Mostra de São Paulo de mansinho, sem alardear suas potências – e são muitas, sobretudo em seu roteiro, primoroso em relação a diálogos –, apoiada apenas no fato de marcar a estreia de Gloria Pires na direção de longas. É um fato, em si, atraente, sabendo-se que estamos falando de uma atriz que é um sintagma vivo de Brasil, capaz de falar com muitas classes sociais, quicando bem do melodrama à comédia, com saltos do drama realista, sempre com eficácia. **Continua na página seguinte**

Grande entrega por trás das câmeras

Gloria Pires trabalhou com titãs da direção (Nelson Pereira dos Santos entre eles), estrelou novelas que pararam o país e ajudou Daniel Filho a dar alma, coração e vida à neochanchada, há 20 anos, com “Se Eu Fosse Você”, blockbuster que virou franquia. Com esse tantão de proficiências, sua passagem pelo posto de cineasta só poderia ser um evento. E é, mas ela entregou mais. Fez jus à máxima “cinema



é a maior diversão”, mas, de quebra, faz a gente pensar... e sentir. Não à toa, seu primeiro longa como realizadora sai da maratona paulistana com o status de “filme delícia” do evento.

Escrito por Guilherme Gonzalez, com colaboração de Bianca Lenti e da própria Gloria, “Sexa” é uma crônica de costumes das boas, com clima “Sessão da Tarde” até quando pro-



Divulgação

Gloria Pires e Isabel Filardis alcançam alquimia plena em ‘Sexa’, que arrebatou corações na Mostra ao falar de alianças e etarismo

põe o balanço de angústias geracionais - em relação ao amor romântico e ao amor maternal - de mulheres na casa dos 60. A fotografia dionisiaca de Kika Cunha calça plasticamente o script com um colorido quente, sem extrapolar as CNTPs do gênero, sem dar uma de Almodóvar.

O bate-bola de frases do elenco é rico, mas

há uma riqueza igualmente valiosa na direção de arte de Mônica Delfino que calça conversações, desabafos, transas e DRs que sempre mantêm o pé no chão, com atenção ao real, sem alienações. É mais “Malu Mulher” do que “Sex and the City”. Não há deslumbres, há alianças.

Tudo se desenha a partir do “sacode” que

a vida dá em Bárbara, uma revisora de livros, fã da literatura de Clarice Lispector, que, ao chegar aos 60 anos, enfrenta uma série de mudanças bruscas. Gloria encara esse papel com o garbo de sempre. Torna crível (e universal) o engasgo da personagem diante das cobranças do filho músico esquerdo-macho e da vigília de um mundo que sucateia quem se agrisalha. Nas falas inesquecíveis, chama-se quem “ses-sentou” de integrante do “clã das cicatrizes”. Fala-se de rugas como “marcas de combate”, numa pensata de Rosamaria Murtinho, que esbanja sabedoria numa participação luxuosa.

A figura vivida por Rosamaria ajuda Bárbara a conjugar o verbo “amar” na desinência da leveza, diante de sua coqueluche frente ao técnico de Informática viúvo (porém 25 anos mais jovem) chamado Davi (um papel defendido com afincio por Thiago Martins). O boyzinho mexe com seu miocárdio, mas ela teme conflitos intergeracionais, teme abandonos (que não virão). Nessa trupe cheia de graça, destaque ainda uma Isabel Filardis faiscando de carisma em seu trabalho como Cristina, vizinha e amiga nº 1 da protagonista. Outro show vem de Eri Johnson, como o pai pimpão de Davi. Esse povo todo encontra seu jeito de solar, mas também de dividir a bola com elegância, numa partida em que Gloria vence todo e qualquer marasmo das fórmulas da dramédia... e de goleada. Que ela filme mais... e depressa!

AS BOAS DA PAULICEIA - SEGUNDA-FEIRA (27/10)

POR **RODRIGO FONSECA**

StudioRuba

CÃO MORTO (“Dead Dog”), de Sarah Francis (Líbano/ França): Um radicalíssimo decalque de “Cenas de um Casamento” (1973), mas no Líbano. Numa noite chuvosa, Aida (Chirine Karamneh) dirige seu carro pelas montanhas do Líbano até chegar em uma casa de família vazia. Apenas Walid (Nida Wakim), seu marido que vive há anos no exterior, não esperava encontrá-la por ali. Esse reencontro entre os dois, ao longo de quatro dias, não é uma experiência tranquila, já que cada um deles tenta compreender as questões do outro. Ainda resta algo a ser salvo nessa relação? Uma dissecação cuidadosa de um casamento que respira e se decompõe ao mesmo tempo. Onde: Reserva Cultural, 13h.



Divulgação



IDÍLICO (“De Idylle”), de Aaron Rookus (Países Baixos): Este “filme coral” de humor ácido se estrutura sob um painel de solitários que tentam afirmar sua essência apesar de fantasmas da decepção familiar. Há um psiquiatra que sai do armário aos 42 anos. Há a irmã famosa dele, uma diva da ópera às voltas com o diagnóstico de uma doença. Há a avó deles, que cansou de viver. Há um menino, em fase de ensino fundamental, que acredita estar às portas da morte, e há os pais dele, que já não sustentam um casamento falido. Tudo soa sombrio, mas tem humor e muita empatia. Onde: Multiplex Playarte Marabá, 15h.

ENTRE DUAS MULHERES (“Deux Femmes En Or”), de Chloé Robichaud (Canadá): Um dos achados do Festival de Sundance, de onde saiu com o Prêmio do Júri. É uma trama de muito bom humor sobre a relação especular entre forças femininas. Violette (Laurence Leboeuf) está atravessando uma licença-maternidade difícil. Já Florence (Karine Gonthier-Hyndman) enfrenta uma depressão que insiste em não passar. Mesmo com carreiras bem-sucedidas e famílias aparentemente estruturadas, ambas carregam a sensação sufocante de fracasso. Mas e se a felicidade estiver justamente em romper com as expectativas? A aliança pode ser a solução para a frustração delas. Onde: Cinemateca Brasileira, 19h.



Divulgação

‘Foi Apenas Um Acidente’, o vencedor de Cannes deste ano, chega à maratona cinéfila paulistana nesta segunda, abrindo um debate sobre as violências políticas do Irã



Les Films Pelleas

Vítimas da tortura do Irã se reúnem para uma vingança em ‘Foi Apenas Um Acidente’, que deu a Jafar Panahi a Palma de Ouro de 2025

Palma... a de Jafar Panahi... para São Paulo



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É dia, enfim, de o Brasil prestigiar a Palma de Ouro de 2025: “Foi Apenas Um Acidente”, de Jafar Panahi, será exibido pela primeira vez no país nesta segunda (27), na Mostra de São Paulo, às 18h30, na Cinemateca Brasileira. Mais duas projeções estão agendadas. Uma rola nesta terça, às 17h15, no Cultura Artística, e outra, na quarta, às 20h40, no Reserva Cultural. Quem perder terá de esperar até 4 de dezem-

bro, para a estreia comercial do longa-metragem, realizada numa sinergia entre as distribuidoras (e plataformas) Imovision e MUBI.

Apesar de ser iraniano, esse suspense de tons político foi escolhido pela França (sua coprodutora) para representá-la oficialmente na apreciação da Academia de Hollywood, em busca de uma vaga na disputa do Oscar 2026 – o que amplia as chances de sucesso da produção na telona.

Aos 65 anos, Panahi já trazia no currículo o Leopardo de Ouro do Festival de Locarno (dado a “O Espelho”, em 1997); o Leão de Ouro de Veneza (conferido a “O Círculo”, em 2000); e o Urso de Ouro da Berlinale, atribuído a ele há dez anos, por “Táxi Teerã”.

Seu histórico de vitórias divide espaço com uma profissão de fé na liberdade, marcada por múltiplas retaliações em seu país. Em 2010,

foi condenado a seis anos de prisão e proibido de filmar e de sair do Irã (por 20 anos), sob a acusação de fazer propaganda contra o regime que governa sua terra natal. Apesar das restrições, no ano seguinte, realizou “Isto Não É um Filme” (2011), ambientado em seu claustro domiciliar. Acabou liberado, com o apoio da comunidade cinéfila internacional. Em 2022, quando foi laureado com o Prêmio Especial do Júri em solo veneziano, por “Sem Ursos”, o diretor foi preso e só foi libertado em fevereiro de 2023, depois e fazer greve de fome.

Ao consagrar “Un Simple Accident” (título original da pérola que ele exhibe agora na Mostra de SP), Cannes coroou sua resiliência na peleja para ser livre... e para denunciar intolerâncias. Ao receber o troféu francês, ele declarou publicamente o quanto o risco à

Majid Saeedi/Divulgação



sua segurança aumentou. Sua nação, há tempos, é azeda com os filmes que ele faz... e isso desde a sua estreia na realização, há 30 anos, com “O Balão Branco” (ganhador da Câmera d’Or na Croisette em 1995). Tratam sua obra como um atentado à dignidade do Irã.

O fato de “Foi Um Simples Acidente” narrar a vingança de um torturado contra o agente de estado que o vitimizou complicou ainda mais as chances de

as autoridades de sua pátria festejarem sua consagração. Mas ela é merecida. Trata-se de um realizador que, há três décadas, segue a pavimentar um legado autoral no qual poesia e indignação caminham juntos, numa linha (por vezes) tênue entre ficção, etnografia, documentário e semiótica. “Para um cineasta, cada prêmio é um prazer e foi necessário muito trabalho para ganhar este troféu”, disse Panahi em Cannes, com a Palma nas mãos.

“Em um determinado momento, eu tinha muitas imagens diferentes passando pela minha cabeça. Estava pensando em todos os rostos dos meus amigos que estavam na prisão comigo. Naquela época, nós estávamos na cadeia, mas o povo iraniano estava nas ruas lutando pela liberdade. Naquele momento, eu disse a mim mesmo que estava feliz por eles”.

Esse thriller político toma corpo conforme o mecânico Vahid encontra por acaso o homem que acredita ter sido seu torturador na prisão, ele o sequestra decidido a se vingar. A única pista sobre a identidade desse sujeito é o som peculiar de sua perna protética. Vahid então recorre a um grupo de outras vítimas libertas em busca de confirmação, e o perigo só aumenta.

No arranque do longa, Panahi segue num carro onde um casal tenta conter uma menininha em plena euforia, com seu boneco de pelúcia preferido. Uma colisão trava o veículo. A pequena tem medo do que se passa, mas o pai a acolhe, ainda que com severidade. Nesse início tenso, ocorre o tal “simples acidente” do título, que deflagra uma cruzada de revanche sem medo de exposições gráficas da violência. “Eu aprendi com ‘Táxi Teerã’ a filmar em veículos em movimento. Num carro, você se sente em segurança”, diz Panahi, entrando em detalhes de uma de suas detenções. “Eu fui vendido e levado para uma cela tão pequena que eu mal podia me mexer. Lá eu colhi histórias que compõem o roteiro desse meu novo filme”.

ENTREVISTA / DUCCA RIOS, ANIMADOR

'A animação reforça força simbólica de tudo'



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Tem muita animação boa nesta 49ª edição da Mostra de São Paulo, mas nenhuma tem tanta pólvora e tanta poesia quanto “Revoada – Versão Steampunk”, um presente dos orixás da Bahia ao cinema brasileiro. Chame-o de nordesten, pois é um “faroeste macaxeira”, filão que nos deu de “O Cangaceiro” (1953) a “Bacurau” (2019), passando pelo legado alegórico do Glauber Rocha da década de 1960, na toada “O Sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”. Ducca Rios, de Salvador, é o realizador dessa joia, que parece “Era Uma Vez No Oeste” (1968), só que em forma de distopia (animada). A exibição rola às 19h30 desta segunda, no Reserva Cultural. Já, já, vai ter festival no exterior se empapuçando com esse caruru animado.

Diretor de “Meu Tio José” (2021), Ducca partiu do cult “Revoada” (2008), de José Umberto Dias, e animou um épico. É como se Katsuhiro Otomo (quadrinista e realizador de “Akira”) fundisse os seus saberes com o Sergio Leone de “Por Um Punhado de Dólares” (1964). Nasce daí um spaghetti western apocalíptico, com molho de brasilidade, potencializado por uma engenharia sonora fina, que evoca a energia de um “pancadão” de baile funk, em sua vividez. Sua trama se passa numa região quase



Divulgação

**O animador Ducca Rios, diretor de ‘Revoada’
O banditismo social ganha tintas animadas em
‘Revoada - Versão Steampunk’**



desértica do Nordeste, onde se dá uma invasão pelas tropas do governo, a famigerada “Volante”, ao acampamento de destemidos cangaceiros liderados pelo “bandido social” Capitão. No embate, rola um massacre. Morrem Capitão e sua companheira, Maria. Testemunha desse mal, o cangaceiro Lua Nova jura vingança.

Na conversa a seguir, Ducca explica sua imersão numa dramaturgia universalmente regional.

De que maneira “Revoada”

conversa com a tradição do nordestern? Que Nordeste futurista cabe na tua animação?

Ducca Rios - Acho que é um sonho coletivo perseguido por vários diretores brasileiros o anseio de produzir filmes com o cangaço, entendendo-o de forma análoga ao momento histórico de colonização do Oeste estadunidense. O Nordeste está presente de “Antonio das Mortes” (o título original de “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro” de Glauber Rocha) a “Bacurau”, somente para

trutura para criar - de forma tão livre - um tipo de filme animado que investe em tons políticos?

Tons políticos fazem parte da minha poética, assim como o cinema de animação. A adaptação começou em uma sala de roteiro comigo, a Amanda Aouad e a Ana Claudia Caldas. O José Umberto também era uma “presença ausente”, por meio de seu roteiro original. A estrutura vai se formando no trabalho e no retrabalho até, no fim, eu poder ver o meu filme e não mais o do autor da obra adaptada. Depois da sala de roteiro finda, ainda fustiguei muito a peça escrita. Eu a espremi e retorci até me dar por satisfeito, tendo como grande aliada a animação em si, que garante qualquer devaneio e reforça força simbólica de tudo.

Como você avalia a animação que a Bahia faz... que o Brasil faz?

O Brasil é uma explosão de criatividade e competência na realização de filmes em animação, estando praticamente todos os anos nos grandes festivais do mundo, destacando-se o de Annecy. Cada vez mais, nossa animação está organizada em torno de associações como a ABCA e a Abranima. A Bahia é pioneira na animação, tendo abrigado a realização de um dos primeiros e mais bonitos longas-metragens animados feitos no país: “Boi Arua”, do artista plástico e diretor Chico Liberato. A Bahia segue com essa tradição até hoje, multiplicando-se em produções de empresas e artistas independentes que se fazem presentes nas principais premiações nacionais e internacionais, assim como na programação de canais e plataformas de streaming. Além disso, está na Bahia a única associação do país que reúne sob o seu guarda-sol os produtores de animação e os realizadores de games: a GAMA, que também irriga a semente do belo e heroico Festival Animaí. Já em sua sétima edição, ele tornou-se um centro de convergência da animação e dos games no estado e no país.

Como é o teu esquema e es-

CRÍTICA / FILME / FRANKENSTEIN

Assombro do quilate de Boris Karloff

Divulgação



Oscar Isaac é o Dr. Frankenstein na releitura de Mary Shelley feita por Del Toro

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Trazido ao Brasil pela 49ª Mostra de São Paulo, em projeções especiais, antes de sua estreia na Netflix, no dia 7 de novembro, a estonteante versão de Guillermo Del Toro para “Frankenstein” (1818), romance de Mary Shelley (1797-1851), encontra hoje espaço no circuito exibidor do Rio. Está em

várias salas cariocas, para se notabilizar para o Oscar. Fortes são as chances de que concorra à estatueta, e até vença, em especial com os figurinos de Kate Hawley e com a trilha sonora de Alexandre Desplat. Tem brilhado ainda com o desempenho de Jacob Elordi no papel do monstro que, no passado, na década de 1930, deu fama ao ator Boris Karloff (1887-1969). Esteticamente, o que se vê de ganho maior nesse regresso do audiovisual a um livro do século XIX é a forma como ele

alinha, apara e renova os conceitos autorais (políticos) do diretor mexicano que celebra a fantasia e faz dela um lugar para estudar desgarrados.

Assim que começou a desenvolver “Pinóquio”, que lhe rendeu o Oscar de Melhor Animação em 2023 (e hoje está na Netflix), Del Toro comparou o boneco de pau de Carlo Collodi (1826-1890) ao prometeu moderno de Mary Shelley. A analogia vinha do fato de ambos terem sido criados em resposta à

carência (e à prepotência demiúrgica) alheia, sendo cobrados por um padrão de conduta que não condiz com a natureza que a Física e a Química ofereceram a eles.

Nesse regresso de Del Toro à telona, orçada em US\$ 120 milhões, Victor Frankenstein (vivido por um Oscar Isaac com ares de Quasimodo, brilhante no domínio das ferramentas trágicas) se torna um inventor polêmico. Gera controvérsia em seu desespero de reverter a morte, abalado pela perda da mãe. Em seus experimentos sobre ressurreição, ele cria uma monstruosidade (Elordi, numa ultrarromântica composição) para satisfazer seu desejo de ser Deus por um dia. A questão é saber que criatura é mais terrível: o ser alimentado por choques elétricos que tal cientista criou ou ele mesmo, Victor, em sua despótica ambição.

Muito do que existia em “A Forma da Água”, thriller ganhador do Leão de Ouro de 2017 pelo qual Del Toro conquistou o Oscar de Melhor Direção, volta no drama de Victor, sobretudo a maneira como a Ciência faz da alteridade um ativo. Frankenstein foi inventado para parecer gente, mas conforme se humaniza, ele exclui suas potências capitalistas de ser o protótipo da Eternidade ao alcance de todos. O que interessa ao realizador de “O Labirinto do Fauno” (2006) ao revisar Shelley é provar que ali não há produto, há uma pessoa. Sua humanidade não vem da fúria, mas, sim, do perdão, o mais demasiadamente humano dos bens.

CRÍTICA / FILME / O TELEFONE PRETO 2

Blumhouse

Caiu a ficha: o terror é a maior... invenção

Sequência inevitável do sucesso de bilheteria de 2021, adaptado da prosa de Joe Hill (filho de Stephen King), que custou US\$ 16 milhões e faturou US\$ 161 milhões, “O Telefone Preto 2” é mais um golaço do terror (autoral) em 2025. Tivemos “Pecadores”, de Ryan Coogler; tivemos “A Hora do Mal”, de Zach Cregger; e temos “Invocação do Mal 4: O Último Ritual”, da lavra James Wan. Espere ainda “Enterre Seus Mortos”, de Marco Dutra, que estreia no dia 30. Até lá, a gente



Ethan Hawke esbanja vilania e horror em ‘O Telefone Preto 2’

fica (muito bem) com esta releitura que Scott Derrickson (do endiabrado “O Exorcismo de Emily Rose”) faz de Hill. Seu slogan já arrepia: “Morto é só uma palavra”.

Comercialmente, a carreira comercial dessa parte dois do perturbador “The Black Phone” está das melhores, com uma arrecadação de US\$ 43 milhões, em seus primeiros cinco dias em cartaz mundo afora. A franquia é sustentada pela elegância de um ator no auge das suas potências criativas: Ethan Green Hawke. Ele é a alma deste estudo aterrador sobre o desamparo. A premissa recorda “M, o Vampiro de Dusseldorf” (1931),

de Fritz Lang, apesar do clima de “Stranger Things”. Cabe a Hawke encarnar o infanticida que assombra os subúrbios americanos, na Carolina do Norte, criando um dos vilões mais temíveis — ainda que mais humanizados — do momento: Grabber, o Agarrador.

Na trama de “Telefone Preto 2” — pontualmente aberta ao chiaroscuro na arte do diretor de fotografia Pär M. Ekberg — estamos em 1982, quatro anos após os eventos do primeiro filme. Vítima do longa anterior, Finney Blake (Mason Thames) tenta lidar com o trauma do seu rapto e assassinato pelo Agarrador. Entretanto, sua irmã Gwen (Madelaine McGraw), paranormal, começa a ter visões aterrorizantes de crianças mutiladas e pesadelos com um telefone a tocar, o que os aproxima. A partir desta premissa, Derrickson fala de aliança (fraterna) sem medo de apelar para o dispositivo do jump scare (o susto rasgado). (R. F.)

Paulo-Roberto Andel

As vísceras da cidade

Imagem gerada com a IA Flux Pro 1.1



I

A cidade não para. Ela nunca dorme, ela nunca termina. Ela é vendida para o mundo como o mais belo dos belos rostos, mas vista bem de perto tem sua pele bastante machucada pelo ser humano.

II

A cidade ganha novas tecnologias, os grandes prédios ficam mais modernos, os carros apressados são de última geração, as pessoas das classes dominantes ostentam suas novidades digitais. Ao mesmo tempo, certas coisas nunca mudam - especialmente quando o tema é degradação. Sim, porque a cidade é linda nas fotografias turísticas, mas é esgarçada à medida em que se avança em direção aos bairros mais populares e populosos.

III

A cidade é humilhada. Ou melhor, ela humilha boa parte de seus habitantes. A violência humilha as pessoas, os transportes de massa, o emprego precarizado, a desigualdade social, a falta de oportunidades, tudo isso compõe uma carga imensa de humilhação às pessoas, e muitas acabam não resistindo: aderem às drogas lícitas e ilícitas, ao fanatismo religioso e a outros recursos para tentar aliviar suas realidades brutais. Vários não aguentam e dão cabo das próprias vidas, mas este é um assunto estupidamente proibido.

IV

A cidade acaba sendo uma imensa frangueira elétrica num almoço de domingo, com milhões de pessoas fazendo o papel de cachorros, com os olhos bem arregalados, olhando e sonhando com pedaços de frango que nunca terão.

V

A cidade tem lugares lindos, mas eles não são para todos, mesmo quando têm acesso ou entrada franca.

VI

As coisas que nunca mudam. Os traficantes perigosos são levados para presídios federais, mas o tráfico continua estuprando, torturando e matando. A milícia também. Há lugares da cidade onde a polícia simplesmente não entra. Atravessar a cidade no fim da noite pode ser risco de morte, a depender do trajeto adotado. **CONTINUA...**

Quando o algoritmo entra em cena

Carol Pires/Divulgação



A reescrita de clássicos pela inteligência artificial cria situações absurdas em 'Futuro'

'Futuro', espetáculo de Leandro Muniz, transforma clássicos da dramaturgia em paródias de redes sociais para mostrar como a tecnologia capturou nossa atenção

A cena inicial já entrega o absurdo: um autor precisa reescrever um texto criado há 16 anos, mas se vê refém do algoritmo e recorre à Inteligência Artificial em busca de ajuda. O que poderia ser uma solução prática descamba para o caos. É nesse território entre o cômico e o inquietante que se move "Futuro", espetáculo com dramaturgia e direção de Leandro Muniz que ocupa o Teatro Firjan Sesi - Centro.

A montagem não se contenta em apenas criticar o uso excessivo das redes sociais. Vai além e constrói uma narrativa metalinguística em que a própria encenação luta desesperadamente pela atenção da plateia, num jogo irônico que espelha a disputa frenética por cliques e visualizações que domina o ambiente digital. No palco, clássicos da dramaturgia mundial são transformados em paródias de reels, trends e publis, enquanto um

grupo de artistas se articula contra o autor e o próprio algoritmo que os manipula.

"A nossa lógica mudou, estamos mais impacientes, não temos mais a atenção que tínhamos. Seja vendo mil reels por dia, seja tentando escolher um filme, a gente troca de streaming logo se não gostarmos do primeiro minuto do filme. Essa métrica de me entretenha em 15 segundos em 1 minuto invadiu nossas vidas", analisa o dramaturgo.

Mas o espetáculo não se limita a uma sátira. Questiona como o algoritmo se tornou uma presença onipresente, quase divina, capaz de prever desejos e manipular escolhas de forma sutil. "Falamos uma coisa agora e quando abrimos o celular, está lá uma publicidade de um produto para comprar. Como estamos sendo controlados de uma maneira sutil", observa. Essa crítica se estende ao uso crescente das IAs que, segundo o autor, podem comprometer nossa capacidade de elaboração

e memória. "O ser humano é muito criativo. E a gente, para solucionar problemas do dia a dia, para sobreviver a tudo, nos adaptamos, criamos soluções práticas para resolver problemas. São vários pratinhos pra equilibrar. E nós estamos delegando isso", alerta.

"Futuro" opera por meio de uma colagem vertiginosa que mistura referências da cultura erudita e popular. Obras como "Hamlet", "Toda Nudez Será Castigada" e "Esperando Godot" são remixadas com a linguagem das redes sociais, resultando em títulos como "Alice no país das Mara Maravilhas", "Todo Nude Será Castigado", "Deus e o Diabo na Terra do Selfie", "Esperando Burnout" e "Sonho de uma noite de Vegan". Ao chocar o universo da dramaturgia universal com a vida online, Muniz ergue um espelho crítico da lógica do algoritmo, expondo seus mecanismos de captura das nossas atenções.

SERVIÇO

FUTURO

Teatro Firjan Sesi - Centro (Av. Graça Aranha, 1)
Até 2/11, quintas e sextas (19h) |
sábados e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Por Affonso Nunes

O músico mineiro Luiz Gabriel Lopes, o LUIZGA, acaba de lançar “luizga electric microbi-
gband – live in lisbon”, um álbum que documenta a experiência de seis meses de residência artística na capital portuguesa. O registro, disponível em plataformas digitais e em vídeo pela Gris Gris Records (Portugal/Países Baixos), foi captado ao vivo no espaço Bota Anjos e representa um momento de virada na carreira do artista, que ainda colhe o reconhecimento internacional após o lançamento de “Yemamaya” (2025), produzido em parceria com o francês iZem.

A proposta do projeto nasceu do desejo de ampliar as possibilidades sonoras através de uma formação mais robusta. O septeto que acompanha LUIZGA reúne talentos do Brasil, Portugal, Países Baixos e França: Jori Collignon (teclados e eletrônica), Bárbara Rodrix e Beatriz Nande (vocaís), Afrogame e Theu Nasci (percussão) e Femme Falafel (teclados e coros).

Veterano da cena musical mineira, onde se destacou à frente dos

Um disco sem conservantes

Cantor e compositor mineiro LUIZGA reúne septeto internacional para registro ao vivo que celebra o improviso

Divulgação



LUIZGA desejava voltar a tocar com um grupo maior de músicos

grupos Graveola e Rosa Neon, o cantor já havia conquistado espaço em festivais europeus de prestígio, como o FMM Sines e o Roskilde

Festival, na Dinamarca. “Tinha vontade de voltar a trabalhar com um grupo maior de músicos e potencializar os arranjos através da

performance ao vivo. Gravar este álbum foi uma exaltação da diversidade que todos nós carregamos em nós e do poder da música como

linguagem universal”.

O repertório equilibra criações próprias e releituras afetivas. Estão presentes canções autorais como “Pé da Laranjeira”, “Colo” e “Arqueiro Voador”, ao lado de “Embalagem”, sucesso do Rosa Neon. O disco também traz versões de “Alguém Cantando”, de Caetano Veloso, que abre o álbum, e “Que cor Tem Lá?”, composição de Nanan e Gustavito. Destaque para “Ora Bom Dia”, inédita do artista cabo-verdiano Orlando Pantera, lançada como single em setembro.

A opção por manter a espontaneidade do registro ao vivo foi deliberada. “É um disco sem conservantes”, define LUIZGA. “Quis preservar o som orgânico, o improviso, o que faz da música uma experiência humana”. O resultado é um trabalho que respira, que aceita as imperfeições como parte da narrativa e que captura a energia do momento compartilhado entre músicos e público. Cada faixa funciona como um elo entre continentes, conectando referências africanas, brasileiras e europeias, mesclando instrumentos acústicos e eletrônicos, vozes coletivas e pausas contemplativas.

CRÍTICA / DISCO / ENSEADA PERDIDA

Por Aquiles Rique Reis*

Valeu, Thiago Amud!

Minha missão neste espaço, sagrado para mim, é ouvir, alcançar e exaltar a música. Dito isto, vamos de “Enseada Perdida” (Rocinante), o novo álbum do compositor, cantor e instrumentista Thiago Amud. Trabalho lançado nas plataformas de música, no formato de CD e, atenção, também em LP, as músicas estão divididas como nas duas faces do long-play. Vamos com todas do Lado A. Ouça o álbum completo em <https://acesse.one/PqCaI>

“Baía de Janeiro” (Thiago Amud): ótimo cantor que é, Amud toca e canta o samba exaltação. Embalado por seu arranjo enérgico, onde brilham o coro feminino, flautas, saxofones e uma sessão rítmica de arrepiar os pelos, ele nos dá a certeza de que o álbum será o máximo!

“Oração à Cobra Grande” (Luiza Brina / Thiago Amud): para sua letra “amazônida”, como ele diz, dada à melodia que considera mântica, Amud fez um arranjo onde o coro feminino ganha força ao se juntar a berimbau, marimba, vibrafone e xilofone (Natália Mitre); a caxixi, efeitos e moringa (Luizinho do Jêje); à flauta baixo (Aline Gonçalves) e ao clarone (Levi Chaves). O xilofone abre. Logo o som grave do clarone, somado ao da flauta baixo, dão a atmosfera de estranheza com a qual Amud mostra sua riqueza de recursos noutro bom arranjo.

“Se Você Pensasse” (Thiago Amud): o arranjo de Amud soa para aludir à sua letra. A guitarra ex-



Divulgação

põe sua estridência. Flautas, trompetes e trombones, mais o som do Iberê Cello Ensemble, o melotrom e órgão Hammond, são suficientes para que só não entenda o sentido dos versos quem não quiser.

“Cidade Possessa” (Thiago Amud): Chico Buarque escolheu esta música para cantar com

Amud. É uma marcha circense, embalada em esperança: “Levanta, que a vida te quer na avenida/ A cidade acordou possuída/ Pelo carnaval que baixou (...) Estrebucha, dança/ Dana de cantar, de batucar/ Até subir o santo/ Cai em si de tanto desbundar/ Morre um pouco e no entanto/ Levanta”. Mais uma vez o coro se agiganta junto a clarinetes, clarone, saxes, trompetes, trombones, tuba, guitarras e percussões. Convite irresistível, no momento em que as ruas parecem entender o papel que têm na conquista de seus direitos.

“Mapa-Múndi” (Thiago Amud): num arranjo suave, onde se sobressai o piano de Marce-

lo Galter e o piano preparado de Cláudia Castelo Branco, Amud canta como se fosse a primeira vez que percebesse a beleza de sua voz.

Gente, onde guardarei a perplexidade que sempre me colhe ao ouvir Thiago Amud? Bem, agora, sujeito à dureza da noite e às ilusões do dia, concluo. Música se completa na profundidade e na superfície da maneira como a ouvimos. Gracias, Amud!

Ficha técnica

Direção artística: Thiago Amud e Sylvio Fraga; direção musical e arranjos: Thiago Amud; produção musical e edição: Alê Siqueira; gravação: Pepê Monnerat, Arthur Damásio e Flávio Marcos Batata; mixagem: Pepê Monnerat; masterização: Zino Mikore; coordenação artística: Jhê.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Caminhemos

Pedimos a Maria da Graça, a São Francisco Xavier, a São Cristóvão, a São Conrado, a Santa Teresa, a N.S. do bairro de Fátima, N.S. da praça do Carmo, a Guadalupe, a N.S. da Penha, a Todos os Santos e ao Santíssimo Santo Cristo, aos pés da Santa Cruz: tenham Piedade dos cariocas, nos deem a Glória de uma Cidade melhor! Pedimos Providência para construirmos um Castelo, um Maracanã de felicidade! Nos deem Saúde. Nos deem Colégio!

Queremos sentar-nos no banco da Praça Seca do Jardim Botânico, do Jardim Guanabara, do Jardim América, do Jardim Letícia, do Jardim Adriana, do Jardim Boiuna, do Jardim Oceânico, do Jardim Palmares ou Jardim Carioca, em meio ao Campo Grande dos Afonsos ou ao Campinho. Que no Alto da Boavista haja sempre uma Vista Alegre junto ao Recanto das Palmeiras, onde o Mato Alto apare a brisa, donde a Aldeia é Campista.

Queremos pegar frutos no Horto; das Laranjeiras, da Mangueira, das Pitangueiras, do Bananal ou comer um Caju Silvestre e Amarelinho, ao lado de um Rio Comprido, um Rio das Pedras brilhantes, um Rio da Prata ou, quem sabe, no Terreirão do Rio Bonito.

Queremos nadar numa Lagoa junto ao Tanque. Ouvir o som do vento passando pela Taquara. Olhar para o céu Anil, quase uma Gardênia Azul e pedir ao Cosmos uma luz divina, uma Usina que Irajá mudar os rumos desse pedaço de Brasil Encantado.

Queremos construir uma cidade com Pilares fincados na Rocha retirada da Pedreira, com tijolos da Olaria da esquina. Plena, inteira, revigorada, não um prêmio de Consolação.

Pedimos ao Padre Miguel, ao padre Anchieta, ao Bento Ribeiro e ao Vigário Geral para espargir Água Santa da Fonte da Saudade na Cidade Maravilhosa. Limpá-la com Ramos sagrados, fazer uma Triagem, uma Muda, porque o carioca não Botafogo; bota fé. Queremos torcer pelo Flamengo, pela Portuguesa, Bangu, e Vasco da Gama.

Não aguentamos mais políticos Cascadura, não temos Paciência para aturá-los, porque aqui, quem é de Benfica. Aqui o Zumbi é de Palmares. Queremos saber; qual a Cordovil metal para elevar essa cidade? Para que lado devemos apontar o Leme, para que Pontal.

Pedimos uma Pechincha diante da imensidão que é o Rio. Ajuda-nos, ó Coelho, pai, filho e Neto, Engenheiro Leal e desleal, Cosme Velho e novo, na lida ou no Lido porque nós queremos Andaraí, aqui e acolá com paz e tranquilidade. Que a vida no Rio de Janeiro, seja um eterno Recreio. Uma Cidade de Deus. Que tenhamos Bonsucesso! Abramos, um novo ciclo, com Chave de Ouro!

Que sejamos abençoados pelo Redentor e acolhidos em seus braços abertos sobre a Guanabara. Amém!

